

## CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT

Marcelo Camargo - Agência Brasil



Receitas de fontes limpas e de negócios ESG dão a liderança

## Banco do Brasil é a empresa mais sustentável do país

O Banco do Brasil foi a empresa brasileira mais bem colocada no ranking Clean200, que compila as 200 empresas de capital aberto que mais geram receitas provenientes de fontes limpas e de negócios ESG (sigla em inglês para boas práticas ambientais, sociais e de governança) em todo o mundo. O ranking é compilado pela empresa canadense Corporate Knights e pela organiza-

ção sem fins lucrativos As You Sow.

O BB ocupa a 37ª posição no levantamento e foi o banco melhor colocado. Além do banco público, outras sete empresas brasileiras se classificaram: Cemig (40º), Neonenergia (42º), CPFL Energia (51º), Copel (96º), Coelba (140º), Sabesp (155º) e Engie (161º). A 1ª colocada no ranking é a americana Apple.

## Êxito

Resultado de um trabalho exitoso, em janeiro, a Corporate Knights elencou o BB como o mais sustentável do mundo pela sexta vez. O vice-presidente de Negócios Governo e Sustentabilidade Empresarial do banco, José Ricardo Sasseron, afirma que estes e outros prêmios reforçam a atuação.

## Segurança

“Este reconhecimento, aliado aos nossos projetos de bioeconomia, metas de Desenvolvimento Sustentável (SDG), carteira de crédito sustentável e investimentos em energia renovável, acrescenta segurança tanto ao investidor quanto ao mercado”, afirmou Sasseron.



Divulgação

No 1º bimestre do ano, foram produzidas 342,8 mil motos

## Produção de motos tem alta anual de 25,8% em fevereiro

A produção de motos teve crescimento de 25,8% em fevereiro, frente ao mesmo mês do ano passado, chegando a 176,7 mil unidades. Na comparação com janeiro, a alta foi de 6,4%. O balanço foi divulgado nesta quinta-feira, 13, pela Abra-ciclo, entidade que representa as montadoras de motocicletas.

Nos dois primeiros meses do ano, foram produzidas 342,8 mil motos, um crescimento anual de 21,7%. O presidente da Abra-ciclo, Marcos Bento, atribuiu o desempenho ao planejamento estratégico das montadoras, que se preparam melhor para as dificuldades do transporte de cargas durante a seca na região.

## Capacidade

Bento destaca a maior capacidade de produção do setor para atender a demanda, puxada pelos serviços de entrega (delivery) e pela busca do consumidor por veículos mais baratos e econômicos. A Abra-ciclo prevê, em 2025, alta de 7,5% da produção (1,88 milhão de motos).

## Queda

O dólar passou a tarde em ligeira baixa no mercado local e encerrou a sessão desta quinta-feira (13), em queda de 0,15%, a R\$ 5,8002.

Operadores atribuíram a leve apreciação do real à entrada de recursos externos para renda fixa e ações domésticas.

## Avanço

As vendas de motos, de 156 mil unidades no mês passado, subiram 14,4% frente a fevereiro de 2024 e 2,6% na comparação com janeiro.

Com isso, o volume no primeiro bimestre chegou a 308 mil motocicletas, alta de 10,1% em relação aos dois primeiros meses do ano passado.

## Termômetro

Termômetro do comportamento do dólar em relação a uma cesta de seis divisas fortes, o índice DXY subiu cerca de 0,20% no fim da tarde, ao redor dos 103,800 pontos, após máxima aos 104,080 pontos. A moeda ianque perdeu força na comparação com pares do real.

## Após estabilidade, serviços têm recuo de 0,2% em janeiro

No comparativo anual, o indicador cresce 1,6% e 2,9%, em 12 meses

Por Marcello Sigwalt

Após ficar estável (0,0%) em dezembro, o volume de serviços recuou 0,2% em janeiro último. Já em relação a igual mês de 2024, o setor subiu 1,6%, o que configura a décima alta consecutiva do indicador, com variação acumulada de 2,9% nos últimos 12 meses, abaixo da registrada em dezembro de 2024 (3,2%).

De acordo com dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada nesta quinta-feira (13), pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a variação negativa do primeiro mês do ano sofreu maior influência dos serviços de transportes, que ‘tomaram’ 1,8%, no mesmo comparativo mensal, com destaque para as taxas negativas dos segmentos: dutoviário, aéreo, rodoviário coletivo de passageiros, ferroviário de cargas e correio.

Também negativos foram os desempenhos dos serviços prestados às famílias (-2,4%) e os profissionais, administrativos e complementares (-0,5%).



Helena Pontes - IBGE

Viés declinante dos serviços reflete política de aperto monetário, comandada pelo BC

Enquanto o primeiro eliminou parte do ganho de 7,0% acumulado entre maio e dezembro de 2024, e o último teve a terceira retração seguida, com perda de 3,7% nesse intervalo.

Segundo o gerente da pesquisa, Rodrigo Lobo, “após alcançar o ápice de sua série histórica em outubro de 2024, o setor de serviços apresentou

duas taxas negativas e uma estabilidade nos últimos três meses. Nesse período, acumulou perda de 1,1%, que pode ser explicada pela alta margem de comparação. Em janeiro, três das cinco atividades investigadas mostraram resultados negativos e, apesar da variação negativa, o desempenho do setor de serviços ficou próximo da estabilidade”.

Maior impacto negativo de janeiro, o setor de transportes recuou 1,8%. “Houve quedas importantes no transporte dutoviário, com perda de receita de empresas desse segmento, no transporte aéreo, no transporte rodoviário coletivo de passageiros, no transporte ferroviário de cargas e na atividade de correio”, concluiu Lobo.

## País colherá safra de 323 mi de toneladas

A safra brasileira de cereais, leguminosas e oleaginosas deve alcançar um recorde de 323,8 milhões de toneladas em 2025, de acordo com a estimativa de fevereiro do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), divulgado hoje (13) pelo IBGE.

Este resultado é 10,6%, ou 31,1 milhões de toneladas, maior do que a safra obtida em 2024 (292,7 milhões de toneladas) e 0,5% menor (1,6 milhão

de toneladas) do que a estimativa de janeiro de 2025.

A área a ser colhida deve ser de 81,0 milhões de hectares, um aumento de 2,4% frente à área colhida em 2024 (1,9 milhão de hectares a mais). Em relação ao mês anterior, a área a ser colhida aumentou em 28.921 hectares (0,0%).

Em relação à produção, algodão e soja devem bater recordes em 2025.

A estimativa para a produ-

ção de algodão é de 9,0 milhões de toneladas, um acréscimo de 1,8% em relação à safra de 2024 e um acréscimo de 0,2% (19.979 toneladas) com relação ao mês de janeiro. Enquanto a soja registrou aumento de 13,4% em comparação à safra do ano passado, chegando a 164,4 milhões de toneladas.

Em relação a janeiro, houve um declínio de 1,3% ou 2,2 milhões de toneladas. Quanto ao milho, a estimativa da produ-

ção foi de 124,8 milhões de toneladas, crescimento de 0,5% em relação a estimativa do mês anterior (janeiro) e de 8,8% em relação ao volume produzido em 2024.

O gerente da pesquisa, Carlos Barradas, explicou a queda da estimativa da soja de janeiro para fevereiro. “Houve perdas registradas no estado do Rio Grande do Sul, por conta da falta de chuvas neste início de ano”, concluiu.

## Economia mundial em queda afeta Brasil

Adobe Stock

A economia mundial caminha para uma desaceleração com prejuízos generalizados, e o Brasil não é uma exceção, com o País provavelmente tendo perdas por conta da preocupação excessiva do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre o aço. Além disso, o juro alto, a inflação resistente e o contexto de disputa presidencial que já se desenha para as eleições de 2026 complicam o quadro para o País, na avaliação de economistas do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV) no I Seminário de Análise Conjuntural, realizado pelo Ibre/FGV e pelo Estadão, nesta quinta-feira, 13.

Para o chefe do Centro de Estudos Monetários do Ibre/FGV, José Júlio Senna, a chance de que Trump alcance o objetivo de “fazer a América grande novamente”, girando em torno da perspectiva de reconstrução



Febre protecionista global de Trump deve prejudicar o país

da indústria americana, “é quase zero, mínima realmente”. “É até curioso, porque no mundo inteiro o segmento industrial destruiu empregos”, afirmou.

Ele ressaltou que os indicadores dos primeiros meses de governo Trump já mostram uma desconfiança maior. “O

acordo comercial entre Canadá, México e EUA foi negociado pelo próprio Trump na sua primeira administração, então ele mesmo assume e desfaz: como você vai confiar num país desse tipo?”, questionou.

Senna avaliou que a tributação “excepcional” sobre aço e

alumínio vem do pensamento de uma frase do próprio Trump de que o “país que não tem aço não é país”. Assim, o presidente quer produzir aço dentro dos EUA, “o que é uma visão estreita em uma situação que poderia ser resolvida de outra maneira”.

Enquanto isso, no Brasil, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) mostra uma inflação “super resistente”, o que indica um “momento desafiante para a política econômica”. Contudo, os objetivos políticos estão vindo na contramão do que a gestão de uma política econômica recomendaria, na avaliação de Armando Castelar, pesquisador associado do Ibre/FGV.

“Há um processo de desaceleração que até certo ponto surpreendeu. Os primeiros dados do PIB estão vindo relativamente fracos. Já a inflação segue resistente nos últimos 12 meses”, concluiu Castelar.

## Leilão do Tesouro ‘tomba’ futuros

Os juros futuros intermediários e longos cedem mais de 10 pontos-base no período da tarde desta quinta-feira (13).

O ponto principal segue sendo o fechamento da curva dos Treasuries, mas a desmontagem de algumas posições de hedge após o Tesouro Nacional vender 27 milhões de LTNs, maior lote desde 10 de dezembro de 2020, dá ainda mais fôlego para o movimento. O volume de serviços também mostrou a

terceira queda mensal do indicador, mas a ponta curta seguiu resistente.

Por volta das 17h20, a taxa de depósito interfinanceiro (DI) para janeiro de 2026 marcava 14,715%, de 14,722% no ajuste anterior. O DI para janeiro de 2027 recuava a 14,475%, de 14,601%, e o para janeiro de 2029 caía para 14,390%, de 14,582% no ajuste anterior.

A queda dos juros dos Treasuries orienta a curva local des-

cedo. Contudo, no período da tarde as taxas médias e longas renovaram mínimas.

O economista-chefe da Ativa Investimentos, Étore Sanchez, aponta que a curva pode estar aliviando por um movimento técnico do mercado após o leilão do Tesouro Nacional, que assustou parte dos operadores. “O DI reagiu fortemente mais cedo, sugerindo que o mercado absorveu o risco dos títulos. Mas zerou boa

parte, se não tudo, o que conseguiremos ver apenas amanhã com os dados da B3”, afirma.

A menos de uma semana da decisão do Copom, o vértice mais curto dos DIIs não teve uma queda tão expressiva. O mercado prevê com unanimidade alta de 1 ponto porcentual na Selic em março, segundo o Projeções Broadcast.

O maior nível do aperto monetário deve ocorrer em junho, com Selic a 15%.